rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

"Todos os reaccionários são tigres de papel. Na aparência, os reacionários são terríveis, mas na realidade não são assim tão poderosos. Vendo a longo prazo, não são os reacionários mas sim o povo quem é realmente poderoso". **(Mao Tsé-tung)**

Uma publicação da **Célula Comunista de Trabalhadores (CCT)** e da **União Reconstrução Comunista (URC)** rumosdaluta@gmail.com **Número #16** **AGOSTO/2022**

BRASIL: PELA SEGUNDA E DEFINITIVA INDEPENDÊNCIA

Leia o editorial na página 2

Patriotismo, revolução nacional e revolução proletária

O governo de Jair Bolsonaro segue, na mesma linha da maior parte dos governos que o antecederam, entregando as riquezas nacionais aos grandes grupos econômicos estrangeiros. Claro que isso não se deve a uma característica pessoal do atual presidente, uma vez que ele é um dos representantes da burguesia brasileira. Nestes últimos anos, praticamente todos os dias, recebemos as notícias sobre privatizações, particularmente da Petrobras. Aliás, o entreguismo, pode-se dizer, é uma herança que tivemos da classe dominante portuguesa, aquela também sempre pronta a sacrificar os interesses nacionais aos seus próprios interesses, como se deu por exemplo com a fuga para o Brasil em 1808.. **LEIA O ARTIGO NA PÁGINA 3**

Liberdade substanciada

Se é liberdade o que queremos, antes precisaremos lutar por ela, precisaremos garantir a igualdade de fato contra a igualdade formal, o que, com certeza, não será conseguido apenas através das conquistas de melhoria das condições de vida do trabalhador. Precisaremos superar o tipo de sociedade em que se aceita que uns poucos explorem milhões, que permite que milhões passem fome, que milhares vivam sem moradias ou em moradias precárias, só assim poderemos alcançar a liberdade. Para o momento é preciso que saiamos das cordas e empurremos nosso adversário para o meio do ringue, precisamos assumir as bandeiras que coloquem a classe trabalhadora de volta ao protagonismo, só assim reencontraremos os caminhos corretos para a luta.

LEIA MAIS NA PÁGINA 4



As mulheres na luta pela libertação da Coreia Popular

MULHERES página 7

Taiwan e as provocações de guerra dos EUA

INTERNACIONAL página 5

II Feira do Livro na Vila Yolanda e a solidariedade à Cuba

JUVENTUDE página 6

A luta cultural contra as classes dominantes

CULTURA página 8

BRASIL: PELA SEGUNDA E DEFINITIVA INDEPENDÊNCIA

A separação política entre Brasil e Portugal vai completar 200 anos no próximo dia 7 de setembro. O caráter limitado da independência brasileira é evidente, inclusive pelo fato desta só ter sido reconhecida pelo governo português em 1825, em negociações intermediadas pela Inglaterra. Mas a sua limitação não significa que deve ser ignorada. Ao contrário, é razão para que busquemos compreender profundamente o contexto em que se deu e suas consequências para nossa vida até os dias de hoje.

Na formação social brasileira que se origina a partir de 1500 com a conquista portuguesa, se consolidou no poder uma classe dominante, dona das terras e dos escravizados que produziram as riquezas nestas terras. À medida em que as coisas foram evoluindo, essa classe senhorial no Brasil começa a se chocar com os interesses da classe senhorial metropolitana portuguesa. Essas contradições se intensificarão com a fuga da Coroa portuguesa para o Brasil. Dessa forma, é esse período, entre a chegada da família real no Brasil em 1808 e o coroamento de Dom Pedro II em 1840, como assinalaram Caio Prado Jr. e Nelson Werneck Sodré, que se deve estudar, para compreender como se construiu a independência do Brasil em relação a Portugal.

Sodré conclui desta forma o seu estudo intitulado "As Razões da Independência": "a consolidação da classe senhorial no poder, com o estabelecimento desse regime, e seu restabelecimento, depois do Sete de Abril, responde pelo largo período de lento desenvolvimento, quando as características fundamentais do que havia de essencial no sistema colonial persistiram atuando. Passávamos da dependência política de metrópole decadente para a dependência econômica e financeira de metrópole próspera. Realizávamos um avanço, sem a menor dúvida. Mas o processo da independência ficava em meio, por força das condições dominantes no mundo e no Brasil. Teríamos ainda muito de experiência a acumular para que, no fim do século, ultimássemos a escolha de regime mais adequado e, posteriormente, encetássemos os esforços no sentido de concretizar a independência capaz de permitir ao país o desenvolvimento que o seu povo merece".

Ao longo de sua história, em função dos conflitos na Europa, Portugal, em troca de proteção, se subordinou aos interesses da Inglaterra, processo que foi estendido às suas colônias.

Quando, no período que se abre com a fuga da família real para o Brasil, fortalece-se o conflito entre a classe senhorial no Brasil e a classe senhorial metropolitana, ocorre o esmagamento das tendências mais progressistas na luta pela independência do Brasil e nos anos que se seguiram à renúncia de Dom Pedro I, durante o período regencial até o golpe da maioridade.

A historiografia oficial do Brasil trata de esconder as contradições desse período, tratando-o de forma superficial e buscando diminuir sua importância.

A Confederação do Equador, por exemplo, foi uma tentativa de levar a independência para objetivos mais avançados e teve lugar no Nordeste brasileiro, com destaque para Pernambuco. Como consequência dessa luta, ocorreu a execução de frei Caneca, juntamente com outros insurretos, em 13 de janeiro de 1825.

Outras lutas, que duraram dez anos ou mais, como a Revolução Farroupilha, a Cabanagem, a Sabinada, a Balaiada, entre outros, foram reduzidos por esta historiografia à condição de explosões bestiais.

O rebaixamento do debate político, em tempos de regressão econômica, social e cultural, às vésperas do ducentésimo aniversário da nossa independência, indica que o esclarecimento do significado daquelas lutas para as massas trabalhadoras brasileiras, terá que esperar por um outro momento. É necessária, para tal esclarecimento, a luta decidida pela segunda e definitiva independência, pois também a memória histórica está subordinada a luta das classes pelo poder.



Saiba mais sobre
a nossa campanha
e como participar

BRASIL: PELA SEGUNDA E DEFINITIVA INDEPENDÊNCIA

Patriotismo, revolução nacional e revolução proletária



O governo de Jair Bolsonaro segue, na mesma linha da maior parte dos governos que o antecederam, entregando as riquezas nacionais aos grandes grupos econômicos estrangeiros. Claro que isso não se deve a uma característica pessoal do atual presidente, uma vez que ele é um dos representantes da burguesia brasileira.

Nestes últimos anos, praticamente todos os dias, recebemos as notícias sobre privatizações, particularmente da Petrobras. Aliás, o entreguismo, pode-se dizer, é uma herança que tivemos da classe dominante portuguesa, aquela também sempre pronta a sacrificar os interesses nacionais aos seus próprios interesses, como se deu por exemplo com a fuga para o Brasil em 1808.

Escrevendo sobre o tratado de 1809, entre Portugal e Inglaterra, Nelson Werneck Sodré observou em "As Razões da Independência": "O tratado de 1809 era um modelo de perfeição quanto às concessões, pois concedia tudo, suavizando por vezes as concessões com o mito da reciprocidade". E mais adiante: "note-se que tudo o que se referia à soberania e aos interesses comerciais, era aceito, sem a menor dúvida, pela classe dominante, que pouco se preocupava com isso".

A tragédia social brasileira, como temos registrado em nossas páginas, cresce aceleradamente, não podendo ser ignorada por quem quer que seja. Por isso, a imprensa burguesa tem tocado no assunto com frequência. Todavia, como também temos destacado, a imprensa burguesa tenta de todas as formas esconder as causas da miséria crescente, uma vez que ela é defensora, corresponsável e beneficiaria do mecanismo que leva a essa situação.
A imprensa burguesa, como todos sabem, é ardorosa defensora das privatizações que vem ocorrendo há 30 anos. Tais privatizações levaram a uma ainda maior desnacionalização da economia brasileira. Daí que esta mesma imprensa evite o debate sobre essas questões.

Os professores Gilberto Bercovici e José Augusto Fontoura Costa levantam essa questão na introdução de seu livro "Nacionalização: Necessidade e Possibilidades", publicado pela editora Contracorrente em 2021. Na página 14 escreveram: "O debate sobre nacionalização ou a possibilidade de renacionalizar ou reestatizar certos setores estratégicos vem crescendo no país, apesar do boicote dos grandes meios de comunicação, da oposição dos setores econômicos e políticos beneficiados com o desmonte do Estado brasileiro e de seus bem remunerados consultores e prestadores de serviços jurídicos e do desejo irresistível de parcela da classe política brasileira de se mostrar dócil, confiável e subserviente aos grandes grupos econômicos estrangeiros".

Nos anos 80 e 90 do século XX, quando o processo de privatização se intensificou, foram realizadas campanhas publicitárias, que apresentavam o setor público como um elefante, que dificultava o desenvolvimento do país. A imprensa burguesa divulgou tais campanhas de mentiras, que favoreceram a aceitação do desmonte do Estado. Entre elas, a de que os recursos das privatizações seriam aplicados nos setores de Saúde e Educação. Outra lorota sustentada pela imprensa burguesa, é lembrada por Bercovici e Fontoura: "O argumento principal utilizado para justificar a privatização, o da necessidade de obtenção de recursos para diminuir a dívida interna do país, não possui veracidade alguma." E na página seguinte, afirmam: "Com a privatização, as empresas multinacionais ficaram sozinhas na pesquisa e exploração mineral no Brasil. Não por acaso, autores como Paul Starr afirmam que a privatização, no Terceiro Mundo, sempre significa desnacionalização."

Todos os problemas que atingem uma grande parte da classe trabalhadora brasileira e que se agravaram nas últimas décadas, tem, evidentemente, uma relação direta com o que se passou na economia e nas outras esferas sociais do país. Assim, o escândalo de que tanta gente esteja passando fome, vivendo nas ruas, entregues à drogadição, tem a ver com o processo de desnacionalização da economia e entrega das riquezas aos grandes grupos econômicos brasileiros e estrangeiros.

Isso a imprensa burguesa esconde, porque é defensora do sistema de exploração. Ajudam-na nesta tarefa toda uma rede de organizações políticas, religiosas, etc., que atuam para que a nossa desgraça seja entendida e aceita como uma fatalidade, um castigo.

A luta pata mudar essa situação se recoloca de forma dramática no período que vivemos e exige a conquista de um governo revolucionário. Aqueles que tem consciência do tamanho desta tarefa precisam trabalhar na direção que é apontada por Bercovici e Fontoura: "Só existe libertação nacional com a politização das massas, com o despertar do espírito e a conscientização de que o processo político depende de cada um e de todos. Nas palavras precisas de Fanon: 'A expressão viva da nação é a consciência em movimento do conjunto do povo. É a práxis coerente e esclarecida dos homens e das mulheres. A construção coletiva de um destino é assumir uma responsabilidade perante a dimensão da história. (...) O governo nacional, se quiser ser nacional, deve governar para o povo e pelo povo, para os deserdados e pelos deserdados'".



Em uma sociedade de capitalismo dependente, como a sociedade brasileira, o conceito de liberdade vem sempre acompanhado de ressalvas. É bem verdade que em todas as sociedades capitalistas o conceito de liberdade está sempre atrelado a ressalvas. No capitalismo a liberdade é um conceito atrelado ao campo da idade. Expressa a Constituição da República Federativa do Brasil em seu Art. 5º que "Todos são iguais perante a lei", pronto está aí garantida toda a liberdade a que os brasileiros podem ter: a de serem iguais na forma da lei.

A liberdade para os trabalhadores está atrelada ao conceito formal de ser igualado em seus direitos por um instrumento , neste caso a Constituição, mas, qualquer trabalhador sabe disso: as leis não garantem igualdade e se não garante igualdade não podem garantir liberdade.

Lutar apenas pelo aparato e querer dominar os mares de dentro de uma lagoa. A liberdade a que estamos sujeitos resume-se ao direito de nos vendermos diariamente em troca de um salário que, na maioria das vezes, não é capaz de nos garantir, a nós e aos nossos, uma vida digna.

Somos livres para nos oferecermos no, assim chamado, mercado de trabalho como forças brutas a serem exploradas pelo capital e por sua classe: a burguesia.

Não parece haver dúvidas entre nós de que não existe liberdade sem igualdade e que uma sociedade capitalista prima pela ausência de ambas e se fundamenta em um princípio legal para mascarar a dura realidade (ao menos para os trabalhadores) de que se precisamos substantivar a liberdade é porque esta não existe.

É imprescindível saber que existem saídas para essa condição e que esta não é natural, não existe nada na história da humanidade que garanta uma condição natural para que uns possam explorar aos outros e, portanto, garantir que estes poucos possam ser livres enquanto a maioria de nós não goza deste "privilégio".

Mas para superarmos essa condição a primeira coisa que precisamos entender é que não existe, como dito acima, liberdade sem igualdade. Já a segunda coisa muito importante a se saber é que a falta de liberdade a que estamos sujeitos não é uma condição dada pela natureza, dessa forma essa condição pode ser alterada. O que nos leva a questão central: como?

A história da humanidade nos mostra que em todas as sociedades divididas em classes forçaram-se relações de dominação de uns sobre os outros, não é diferente agora, entretanto, o capitalismo trouxe um outro elemento para essa equação: a aceitação da dominação.

O capitalismo se estruturou em torno da tarefa de fazer com que a maioria das pessoas, composta, obviamente por aqueles cujas benesses do capitalismo não são estendidas, aceitassem a dominação a que estão sujeitos, seja pelas fantasias de enriquecimento e melhoria de vida, seja pela religião ou pela aceitação de que as coisas são naturalmente assim.

Trabalhando para que aceitemos, nós, trabalhadores, essa situação a burguesia criou entre nós uma apatia, uma descrença de que as coisas possam ser diferentes e um dos mecanismos utilizados para tal são as eleições.

Não obstante o peso que se dá às eleições por este ou aquele lado do espectro eleitoral, o depósito de algumas "escolhas" em uma urna eleitoral não representa nenhuma possibilidade de mudança da realidade, mesmo porque os que se colocam à disposição da burguesia para administrar seus interesses não estão disposto a transgredir as regras para subverter a ordem, muito pelo contrário, aceitam essa ordem e contribuem com a burguesia ao nos fazer crer que o máximo onde podemos ir são as eleições e que com elas todos os nossos problemas irão se resolver.Abastecem o moinho da burguesia com fartos jatos de água, contribuindo para que a máquina siga azeitada e funcionando muito bem.

O que precisamos entender é que não podemos nos deixar dominar, sem liberdade nada somos e que temos tarefas a cumprir como classe se de fato almejarmos a liberdade. Nossa primeira tarefa é nos organizarmos em torno de nossas bandeiras históricas, com ênfase, no momento, em combatermos a pobreza, a fome, o desemprego e a inflação. Não nos permitamos ser enganados, nenhuma das situações acima é natural. O capitalismo não se importa com os famintos, aliás, necessita deles para lucrar. Se milhões passam fome não é por falta de comida, mas para forçar a alta dos preços que amplia o lucro do agronegócio.

O necessário, para a burguesia, elevado nível de desemprego empurra o salário dos que ainda conseguem um emprego para baixo e reduzem as expectativas de organização da luta dos trabalhadores em outros patamares, daí acompanharmos o aumento desenfreado dos preços e na outra ponta a redução dos índices de compensação salariais, os reajustes, a níveis abaixo da inflação e, para muitas categorias, a zero!

E a inflação, que muitos dizem que é o resultado da pressão por aumentos salariais, mostra seus dentes e deixa claro o porquê da sua existência: abocanhar parcelas cada vez maiores dos vencimentos dos trabalhadores.

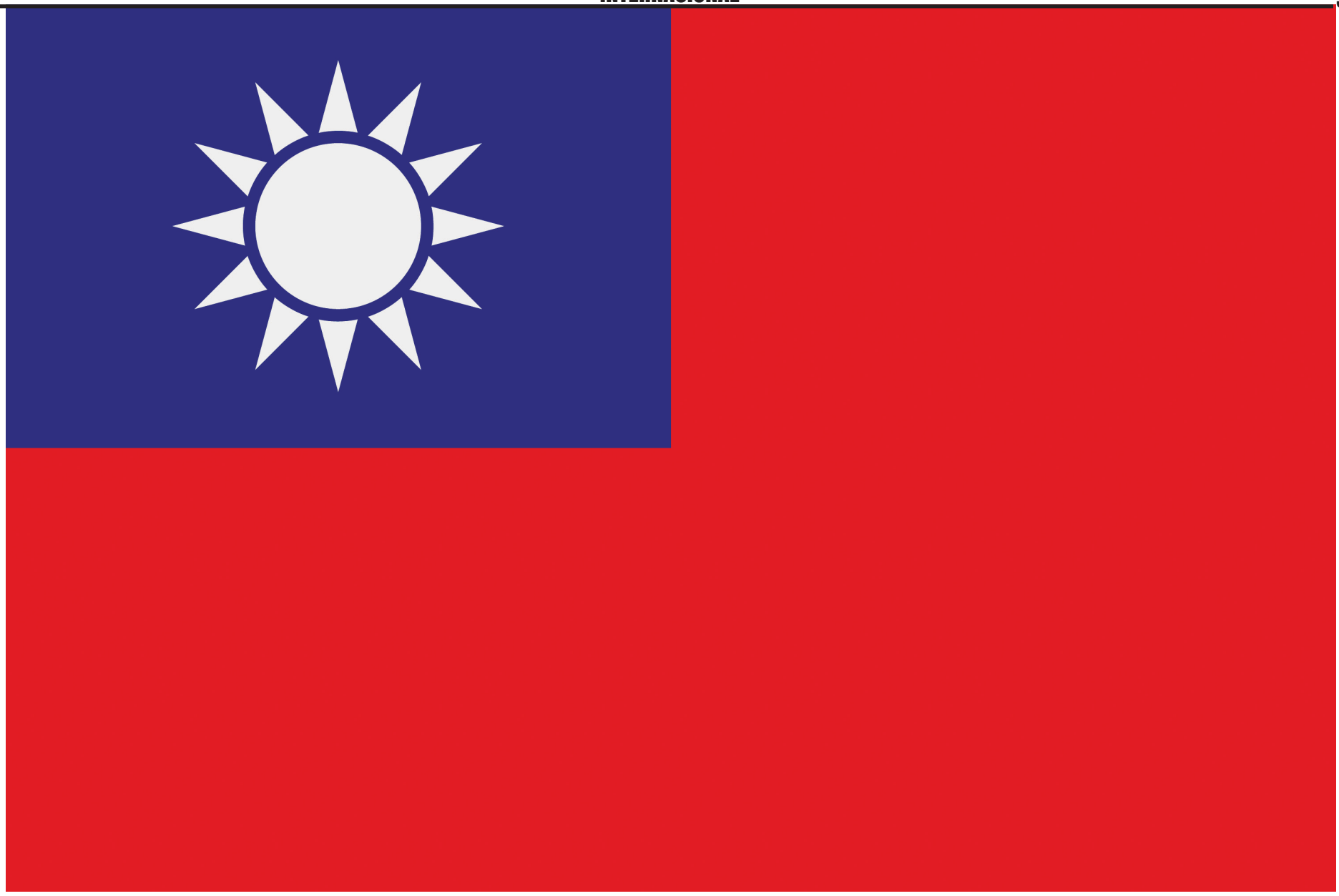
Precisamos nos organizar em torno dessas lutas, conhecer movimentos como os que estão se formando em vários pontos do país como o Movimento Contra o Desemprego, a Fome e a Carestia é fundamental para nossa luta, bem como conhecer e se organizar nos sindicatos que representam as diversas categorias de trabalhadores pelo país, bem como força-los a tomar posições consequentes na luta dos trabalhadores.

Conhecer e distribuir esse jornal nos mais variados pontos também é tarefa primordial, precisamos mostrar a um número sempre crescente de trabalhadores quais são as forças que nos colocam nas condições que nos encontramos, precisamos denunciá-las, mas também precisamos no organizar e coletivamente fazer avançar nossas bandeiras.

Se é liberdade o que queremos, antes precisaremos lutar por ela, precisaremos garantir a igualdade de fato contra a igualdade formal, o que, com certeza, não será conseguido apenas através das conquistas de melhoria das condições de vida do trabalhador. Precisaremos superar o tipo de sociedade em que se aceita que uns poucos explorem milhões, que permite que milhões passem fome, que milhares vivam sem moradias ou em moradias precárias, só assim poderemos alcançar a liberdade.

Para o atual momento é preciso que saiamos das cordas e empurremos nosso adversário para o meio do ringue, precisamos assumir as bandeiras que coloquem a classe trabalhadora de volta ao protagonismo, só assim reencontraremos os caminhos corretos para a luta.

HOMENAGEM A ALFREDO DOS SANTOS Faleceu em 16 de julho o camarada Alfredo dos Santos. Alfredo foi, durante décadas, presença certa nas lutas dos trabalhadores. Da segunda metade dos anos 90 até meados dos anos 2000, atuou no Instituto Mário Alves, em São Paulo. Teve atuação também, nesse período, no Comitê de Solidariedade aos Povos em Luta, entre outras organizações. Fica aqui a nossa homenagem. Nossas condolências aos familiares e amigos. Alfredo, presente! Agora e sempre!



Taiwan e as provocações de guerra dos EUA

Como alertamos nas primeiras edições do nosso jornal, a mudança da presidência dos Estados Unidos, com a derrota de Donald Trump para Joe Biden não modificou em nada o caráter deste governo, como alguns ingênuos da nossa esquerda quiseram sonhar. Pelo contrário, o desespero e a agressividade do imperialismo estadunidense se manifestam cada vez mais, como o ano de 2022 deixa claro com o impulsionamento do conflito entre Ucrânia e Rússia.

Desta vez, com mais um passo na escalada de tensão no mundo para garantir os seus interesses, o imperialismo ianque fez mais uma clara provocação à China, com a recente visita da presidente da Câmara dos Representantes, Nancy Pelosi, a Taiwan. A declaração na sua chegada evidencia a tentativa de fomentar mais um conflito armado: "Nossa solidariedade com os 23 milhões de moradores de Taiwan é mais importante do que nunca, em um momento no qual o mundo encara uma escolha entre a autocracia e a democracia".

Obviamente, a notícia nos chega com os ares que desejam o império, como fosse algo corriqueiro a presença de uma autoridade dos EUA em solo "taiwanês" e uma defesa da liberdade de um povo. É isso que vamos ver na imprensa brasileira, é assim que receberemos uma mentira.

Para entender a dimensão de mais esta provocação é necessário retomarmos a história da China no século XX.

O que chamam de país, ainda que hoje em dia não seja reconhecido pelas Nações Unidas (ONU) e quase totalidade dos países do mundo, na verdade trata-se de parte do território da República Popular da China, que ainda não se efetivou por causa dos interesses do imperialismo ianque.

Desde que o Partido Comunista da China, liderado pelo camarada Mao Tsé-tung, venceu a camarilha reacionária de Chiang Kai-shek na guerra civil iniciada em 1946 para atender os interesses estadunidenses, Taiwan passou a ser um território controlado pelos elementos fantoches dos EUA, que foram derrotados e expulsos da China continental.

A vitória do Exército Popular de Libertação e a fundação da República Popular da China em 1º de outubro de 1949, marcou uma virada na luta revolucionária mundial, e o imperialismo ianque, vendo sua derrota, tentou usar Taiwan para a formação de um governo fantoche para não reconhecer a soberania do povo chinês e sua revolução.

Como afirmou o governo chinês desde a fundação da sua república, "Taiwan é parte inalienável da China. Isto constitui não somente um fato histórico incontestável, mas um dos principais objetivos pelos quais se uniu o povo chinês na luta contra o Japão imperialista". E desde então denunciam o papel dos Estados Unidos e sua invasão de frotas armadas para impedir a soberania chinesa sobre o território de Taiwan.

Contudo, a tentativa do imperialismo ianque não resistiu na arena da diplomacia internacional, e o princípio de "uma só China" passou a vigorar nesse cenário, reconhecendo Taiwan como parte inalienável do território chinês.

A Assembleia Geral das Nações Unidas, em sua resolução 2758, adotada em 25 de outubro de 1971, reconheceu o Governo da República Popular da China como o verdadeiro e único representante legítimo do povo chinês. E atualmente, a China mantém relações diplomáticas com 181 países, com base no reconhecimento do princípio "uma China", isolando assim as reivindicações do governo fantoche de Taiwan.

Desta forma, é fácil perceber a real intenção dos Estados Unidos com mais essa provocação em busca de uma nova guerra. Assim como fez no passado com o Tibete e recentemente em Hong Kong, o imperialismo ianque busca fomentar divisões e guerras civis para fragilizar a China, um dos seus grandes adversários econômicos no mundo hoje.

Independentemente da valoração que se tenha sobre a China ou a concordância com a linha política aplicada pelo Partido Comunista da China, devemos condenar veementemente mais essa agressão do imperialismo dos EUA que busca botar a humanidade no caminho de mais guerras e assim garantir os lucros da sua indústria armamentista e uma sobrevida para o império decadente. Assim como estão encaminhadas a ampla expansão da OTAN na fronteira da Rússia e o apoio ao governo fascista na Ucrânia, assim como estão encaminhadas as provocações e a presença militar na Coreia do Sul contra a Coreia Popular, assim como outras inúmeras ações e ingerências do Departamento de Estado americano, a visita de Nancy Pelosi busca a guerra como a solução para a crise geral do capitalismo, como aprendemos com o marxismo-leninismo.

II Feira do Livro na Vila Yolanda e o ato em solidariedade à Cuba





No último dia 30 de julho, foi realizada a II Feira do Livro na Vila Yolanda, bairro de Cidade Tiradentes, por iniciativa do Movimento Vila Yolanda (MOVY) pela Construção da Escola e do jornal Rumos da Luta.

Assim como ocorreu na primeira edição, no Dia da Consciência Negra em 2021, a Feira do livro contou com algumas bancas que realizaram a distribuição de algumas centenas de livros sobre diversos temas, como literatura, política, ciência e história, além de livros infantis e didáticos aos moradores que marcaram presença mais uma vez na atividade.

Neste ano, pudemos contar com uma mesa de debates com o tema "As lutas Sociais na América Latina e o bloqueio à Cuba", que teve como convidado o Cônsul Geral de Cuba em São Paulo, Pedro Monzón Barata.

Na atividade, Dona Lúcia, principal liderança do MOVY, fez a fala de abertura destacando a necessidade de seguir a luta pelas melhorias no bairro, que apesar da conquista da construção da EMEI Sonata ao Luar, ainda há muita coisa a se fazer pelas crianças e adolescentes da região e que a luta pela construção de uma nova escola de Ensino Fundamental na Vila Yolanda deve ser prioridade. Dona Lúcia também alertou para a necessidade de poder trazer cada vez mais moradores para o movimento, para que a luta siga e ganhe mais força.

Por sua vez, o camarada Pedro Monzón teve oportunidade de falar para os moradores do Extremo Leste de São Paulo sobre como a Revolução Cubana liderada por Fidel Castro pode transformar o país caribenho e garantir os direitos fundamentais, dar educação e saúde, dar segurança e emprego para todos os cubanos e cubanas. E que é justamente por isso que o povo cubano defende sem hesitar a sua revolução, mesmo diante de todas dificuldades e dos ataques do imperialismo dos Estados Unidos.

Na ocasião, os moradores e moradoras presentes puderam tomar mais contato com a realidade cubana, saber como o povo cubano sofreu por décadas na mão do capitalismo e como a revolução de libertação nacional e pelo socialismo pode resolver as principais mazelas e garantir uma vida digna para todos.

Após isso, a atividade se estendeu por toda a tarde do sábado, com um Sarau com o microfone aberto aos presentes e apresentação musicais de parceiros como o grupo Elementais e os cantores Clayton Belchior e Rafael Mineiro.

A segunda edição da Feira do Livro na Vila Yolanda cumpriu mais uma vez seu objetivo de fomentar a leitura e a cultura, e pode dessa vez também demonstrar sua solidariedade com a Revolução Cubana e a luta do seu povo, que deve ser um exemplo para todos de que é possível transformarmos o nosso país e lutar por uma segunda e definitiva independência.





As mulheres na luta pela libertação da Coreia Popular



Antes da Primeira Guerra Mundial e da ocupação da Coreia pelo Japão toda a Coreia era unificada como um único Estado durante séculos. Após a segunda Guerra Mundial teremos a divisão da Coreia em duas ao longo do paralelo 38. As informações de que dispomos sobre a Coreia do Norte na sua maioria não condizem com a realidade. Ao nos depararmos com o tema Coreia do Norte a maioria das pessoas não possui nenhuma informação ou tem informações distorcidas pela imprensa burguesa, fruto da propaganda contra o socialismo.

Em relação às mulheres não seria diferente. As condições das mulheres na Coreia do Norte assim como na maioria dos países são fruto do processo cultural, político e econômico que vigora no país. Neste sentido é possível perceber que desde a vitória contra o imperialismo japonês e contra a ofensiva dos Estados Unidos as mulheres estiveram na luta contra o domínio de ambos e após a vitória muitas das suas reivindicações foram atendidas, inclusive continuam a estarem lado a lado dos homens defendendo a soberania da Coreia do Norte mesmo com inúmeras ofensivas que ocorrem ao país.

Ao longo da sua constituição como país a Coreia passa por diferentes governos. A partir de 22 de agosto de 1910 até o final da Segunda Guerra Mundial em agosto de 1945 passa a ser um protetorado japonês, uma colônia do Japão por cerca de 30 anos. A ocupação japonesa na Coreia foi brutal, incluindo deportações, trabalhos forçados, exploração sexual das mulheres, substituição da moeda coreana pela japonesa, repressão às tradições e cultura do país. Os japoneses forçaram os coreanos a estudarem japonês, a língua coreana foi banida do currículo escolar. Obrigaram os coreanos a mudarem seus nomes para nomes japoneses e destruíram construções simbólicas coreanas.

Os coreanos nunca aceitaram pacificamente a colonização japonesa e diversas associações e grupos foram criados para lutar pela independência coreana. Durante os últimos anos de ocupação do Japão na Coreia surge Kim Il Sung, líder militar e do Partido Comunista Coreano juntamente com os que lutavam pela independência da Coreia propunha suscitar nas massas ideias patrióticas, anti-imperialistas e marxistas para derrubar o império japonês e conquistar a independência da Coreia, o que somente foi possível em 1945.

As mulheres durante o domínio japonês estiveram submetidas a incessante humilhação e cruel exploração. Não gozavam de nenhum direito político ou econômico e nem sequer podiam participar da vida cultural, social e política do país.

Com a libertação da Coreia do domínio colonial do imperialismo japonês mudou-se a posição social da mulher, o Comitê Popular Provisório da Coreia do Norte decide a partir de 1946: direitos iguais entre homens e mulheres; direitos políticos; direitos trabalhistas; as mulheres gozam do direito ao livre matrimônio e ao livre divórcio. Reconhecido o direito de cobrar do ex-marido pensão para os filhos. É determinada a idade matrimonial para as mulheres de 17 anos e de 18 para os homens. Proibida a poligamia, a prática de compra e venda de esposas (prática medieval). O sistema de prostituição com ou sem licença; serão castigados aqueles que infringirem. Homens e mulheres, com direitos iguais de herdar bens e terra.

Embora tenham conseguido lutar e vencer o imperialismo japonês em 1945 a paz e a independência conquistada se viram ameaçadas em 25 de junho de 1950 pela Guerra de Libertação da Pátria que durou até 27 de julho de 1953. O imperialismo norte-americano provocou a guerra para eliminar a recém fundada República Democrática da Coreia e conquistar a hegemonia mundial, usando todo o território como trampolim para a agressão ao continente. A Coreia foi dividida em dois países. Em setembro de 1950 os Estados Unidos com bombardeios intensos arrasaram cidades inteiras do norte coreano. Mais de três milhões de pessoas morreram, entre elas ao menos dois milhões de civis. Os Estados Unidos bombardearam a Coreia do Norte com cerca de 635 mil toneladas de explosivos e 33 mil toneladas de napalm, um combustível capaz de queimar qualquer forma viva. Entre 12 e 15% da população civil norte-coreana morreu nos bombardeios e centenas de milhares de pessoas ficaram desabrigadas.

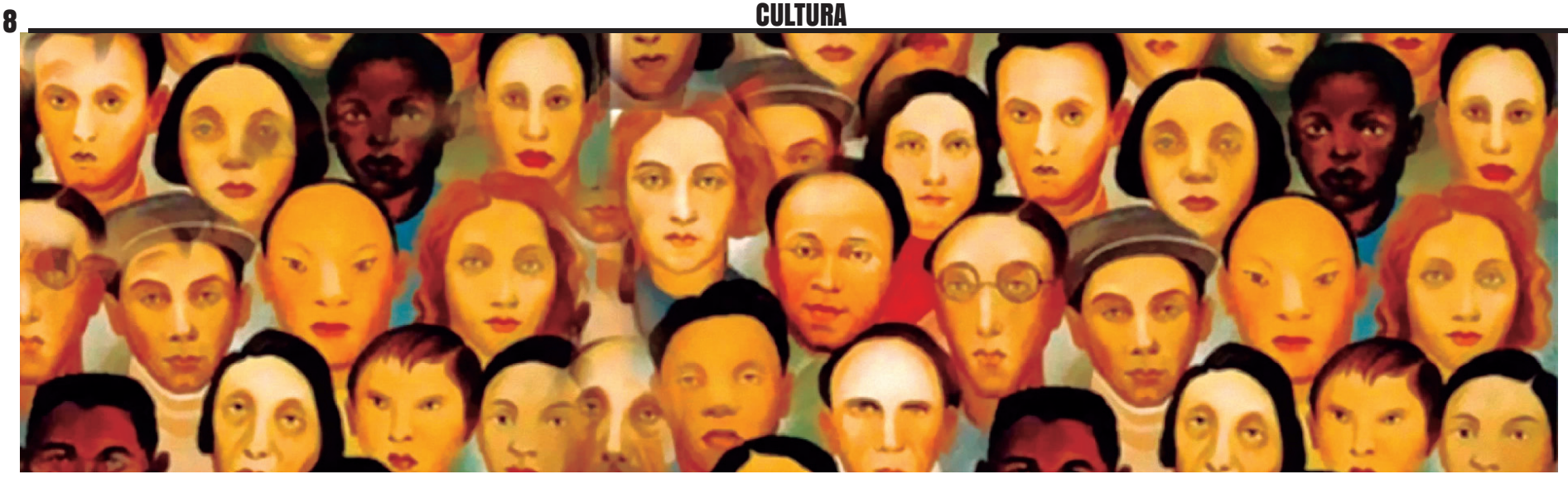
As mulheres coreanas neste período fizeram grandes esforços para a vitória na guerra, demonstrando o espírito de sacrifício heroico. Entre as veteranas de guerra destaca-se To Yun Ok, que disse: as coreanas realizaram méritos como homens na luta decisiva contra os imperialistas ianques e continua: "durante os cinco anos depois da libertação as mulheres coreanas pela primeira vez temos uma vida verdadeira como donas do país, fábricas e terra; graças ao Presidente Kim Il Sung".

Numerosas combatentes conhecidas lutaram valentemente pela pátria incluindo a heroína An Yong Ae que é conhecida como filha do Partido do Trabalho da Coreia entre os coreanos, a heroína Jo Sun Ok que gravemente ferida se lançou com um pacote de granadas de mão contra o tanque inimigo, a heroína Thae Son Hui que como a primeira pilota de combate realizou proezas na luta contra piratas aéreos norte-americanos, a heroína Jo Ok Hui que mesmo presa pelos inimigos durante a luta na guerrilha não se ajoelhou e manteve-se leal a sua pátria.

As mulheres da retaguarda se levantaram para o aumento da produção bélica, sob o slogan "retaguarda também é frente", ajudaram o exército transportando as cotas de munições e provisões sob a chuva de balas e o cheiro de pólvora.

As operárias de Rakwon e a comuna de Kunja que asseguraram a produção de materiais bélicos superando todas as dificuldades. As mulheres da comuna de Jangsan (comuna de Hajang naquela época) do distrito de Royongchon e da aldeia em torno do rio Nam que estavam à frente do aumento da produção de cereais no tempo da guerra e da assistência a frente, e outras mulheres da retaguarda que tinham em seus corações a convicção de que por contar com o Presidente Kim Il Sung se lograria sem falta a vitória na guerra.

Todas as mulheres estavam unidas na linha de frente, na retaguarda, nas fábricas e cooperativas agrárias, com a convicção na Revolução Socialista e de que um pequeno país pobre era capaz de vencer a maior potência militar do mundo e seus fantoches. Este espírito de defesa a pátria da década de 1950 foram herdados firmemente do século passado pelas pessoas das novas gerações.



A luta cultural contra as classes dominantes

Nós do Jornal Rumos da Luta, no âmbito da campanha "Brasil, pela Segunda e Definitiva Independência", temos concentrado esforços para entender a questão da cultura brasileira dentro da luta anti-imperialista contra as classes dominantes pela constituição de uma nação soberana, como etapa para a superação dos problemas vividos pelas classes trabalhadoras e como caminho para a construção do Socialismo. Dado que as condições para manifestação cultural das classes trabalhadoras dependem do acesso a meios materiais que são (re)produzidos, organizados e distribuídos, segundo a ânsia por lucro dos seus proprietários, através de relações econômicas, as quais são determinadas por forças nacionais e internacionais; que é através da luta política organizada que as classes trabalhadoras podem fazer frente à dominação que os subjuga e que os priva do acesso aos meios materiais, isto é, que se pode transformar as relações de produção; por tudo isso consideramos impossível dissociar a questão cultural da luta política pela transformação econômica do Brasil.

Porém, saber que é através da luta política pela transformação econômica que obteremos as condições para a manifestação cultural das classes trabalhadoras não é suficiente. É preciso (i) identificar os problemas para manifestação cultural das classes trabalhadoras, (ii) especificar suas respectivas causas, (iii) definir objetivo(s) que compreenda(m) a efetiva superação dos problemas e (iv) traçar plano de ação. Os problemas para manifestação da cultura brasileira das classes trabalhadoras, apesar de específicos, são, em alguma medida, os mesmos problemas que padecem as classes exploradas: a ausência de condições materiais.

Chamamos de "ausência de condições materiais" a grande dificuldade ou a absoluta impossibilidade de os indivíduos das classes trabalhadoras acessar os meios para manifestação da sua cultura ou mesmo a impossibilidade da própria manifestação. A impossibilidade não se resume às restrições causadas pelo valor dos produtos, senão também pela indisponibilidade de produtos para venda: fora dos grandes centros comerciais do Brasil, não existem lojas onde se venda instrumentos musicais, ou telas e tintas para se pintar, ou juta e lã para se bordar etc. Quando há algum produto à venda, não há variedade ou opções.

As famílias das classes trabalhadoras que vivem em regiões minimamente urbanizadas sofrem com o desemprego, a precarização dos trabalhos, a informalidade, as longas jornadas diárias, o tempo gasto nos transportes, os baixos salários, o endividamento, as instabilidades oriundas das crises do capital; somados os problemas listados anteriormente, os residentes das periferias, favelas e comunidades ainda sofrem a violência praticada pelo Estado através da polícia, falta de esgoto e água encanada, discriminação etc.; os trabalhadores do campo, por seu turno, vivem, em maior ou menor grau, sob as remanescências das vetustas relações feudais de produção, sofrem o arbítrio dos grandes proprietários de terra que acusam, julgam e executam à sua maneira em suas jurisdições particulares, mandam e desmandam pelo Brasil a dentro como se ainda fossem donatários de "capitanias hereditárias"; essas duras realidades são o pano de fundo das manifestações culturais das classes trabalhadoras.

A dura realidade que apresentamos como representação do que entendemos como ausência de condições materiais para manifestação cultural das classes trabalhadoras, como já foi visto, decorre de problemas econômicos nacionais, porém, historicamente, os problemas internos são criados através de relações econômicas com o estrangeiro. Vale lembrar que a origem do latifúndio são as grandes propriedades criadas pelos portugueses durante a dominação colonial; que o agronegócio vive em função da demanda internacional, pois seus produtos não vão para as mesas dos brasileiros. Outros agentes internos que trabalham para a manutenção da dominação imperialista é a burguesia compradora, classe que tem por empresa a comercialização dos produtos do Brasil com o exterior. Também, no campo das classes dominantes, há a chamada "burguesia burocrática", seguimento formado pelos agentes econômicos umbilicalmente ligados ao Estado, que se nutrem do erário público composto pelo pagamento de impostos feitos pelas classes trabalhadoras. Por isso, visto que as causas dos problemas são internas e externas, nossa luta também é contra o Imperialismo e seus prepostos: o latifúndio, a burguesia compradora e a burguesia burocrática.

O objetivo é criar condições materiais para que o povo possa reproduzir e desenvolver livremente a cultura nacional, sem a imposição da cultura imperialista (cosmopolita). Esse objetivo se dará através da união das classes revolucionárias – a pequena burguesia, o proletariado e o campesinato – entorno do projeto superação da estrutura econômica imperialista. Somente assim a luta pela cultura será efetiva.

As tarefas pormenorizadas para a concreta superação dos problemas internos não podem ser pensadas em abstrato, senão dentro da efetiva luta, junto das classes exploradas sob a direção do proletariado revolucionário. Contudo, urge a refundação do órgão onde se dará o reagrupamento das classes espoliadas para a efetiva discussão política das tarefas conjuntas para transformação econômica do Brasil: o Partido Comunista. Assim é que nós do Jornal Rumos da Luta, como militantes da campanha "Brasil, pela segunda e Definitiva Independência", conclamamos aos membros das classes trabalhadoras a compor a luta pela reconstrução do partido comunista.

rumos da luta
um jornal a serviço da classe operária e camponesa

APOIE O JORNAL RUMOS DA LUTA!

Para viabilizar os custos do nosso jornal, desenvolvemos um processo de assinaturas únicas de apoio, no valor de R$ 100 (cem reais), com a qual você passa a receber mensalmente em sua casa um exemplar e assim também contribui com o desenvolvimento da nossa publicação.

Se você tiver interesse em assinar e nos apoiar, envie um e-mail para rumosdaluta@gmail.com ou pelo site www.novacultura.info/jornal